Organizações Inovadoras Sustentáveis

Na sequência, o público foi brindado com a palestra principal do evento ministrada pelo professor da FGV-EAESP, José Carlos Barbieri, sobre Organizações Inovadoras Sustentáveis.

Em primeiro lugar, Barbieri quis deixar claro que o conceito de Biodiversidade envolve inclusive pessoas: “logo todos pensam em bicho, plantas, fungos, e se esquecem que o ser humano faz parte da biodiversidade, inclusive as suas variedades intra-espécie”, explicou. Fazendo um paralelo baseado na linha histórica do tempo, Barbieri iniciou apresentando o conceito de inovação em uma apresentação bastante curiosa e esclarecedora.



“Na década de 60 ocorreram muitas manifestações contra o capitalismo e sociedade de consumo. Os adeptos da contracultura não compravam produtos feitos por empresas capitalistas, mesmo que fossem sabonetes, o que dizer das calças jeans? Essas eram usadas até rasgar, furar e desbotar”, e isso virou um símbolo da contestação ao capitalismo, ilustrou Barbieri.



Com o tempo, as empresas enxergaram nas calças furadas e desbotadas uma nova oportunidade de negócio e nasceu uma inovação: “percebendo que as mais vaidosas se incomodavam em usar calças sujas e rasgadas, a indústria passou a fabricar peças que já vinham furadas e desbotadas”, exemplificou de forma clara e bem-humorada Barbieri. Ou seja, algumas empresas, por meio de inovações, se apropriaram de um símbolo da contestação. O que esse fato tem a ver com o movimento do desenvolvimento sustentável? Este movimento não teria acontecido se não fossem o crescimento do movimento ambientalista e as críticas às inovações que eles fizeram e ainda fazem. Falando em críticas, essas vêm de longe, já na época da Revolução Industrial foram criados santuários ecológicos, áreas onde a natureza pudesse ser protegida da presença humana e de suas inovações.

Mais próximo do nosso tempo, na década de 1960, diversos trabalhos expuseram os malefícios de inúmeras inovações importantes, principalmente a partir da obra de Raquel Carlson, Primavera Silenciosa (Silence spring), na qual ela faz duras críticas ao DDT e, de um modo geral, aos inseticidas sintéticos. Essa obra é considerada um marco dos movimentos ambientalistas modernos. Antes disso, o discurso a respeito de inovação era sempre atrelado ao conceito de progresso, entendido como algo sempre positivo", posicionou o professor.

Entender que as inovações causam impactos negativos, e é preciso agir em relação a isso, permite que possamos migrar para uma sociedade sustentável. E não a rejeição das inovações. "Em outras palavras, é por meio de inovações, realizadas de outro modo, evidentemente, que poderemos transitar para um outro tipo de sociedade", disse Barbieri

Grosso modo, inovação é uma ideia implementada que dá resultado. Para nós, do Fórum de Inovação da EAESP, a inovação tem que ser positiva nas esferas econômica, ambiental e social: "uma inovação deve sim gerar frutos para as empresas, sejam elas privadas ou estatais, mas sem esquecer do meio ambiente e da sociedade".



"A Inovação tem carga emocional positiva para os brasileiros e isso ajuda na construção de uma sociedade sustentável. Mas devemos estar atentos ao sistema capitalista que tem na inovação seu motor. Muitas vezes, esse dinamismo gera uma corrida das empresas e de países para estar o tempo todo inovando, o que torna as coisas obsoletas rapidamente e gera uma forte pressão sobre os recursos naturais, além de ser desgastante do ponto de vista macroeconômico e social . A questão central desse debate deve ser a sustentabilidade e como evitar o desgaste de recursos", defende Barbieri.

O Manual de Oslo entende que empresa inovadora é a que realiza pelo menos uma inovação durante o período de análise, por exemplo, um ano. "No entendimento do Fórum, uma organização inovadora tem que inovar com autonomia e intencionalidade, não só como decorrência do aprendizado em relação as suas atividades e sim do esforço intencional de produzir inovação. Inovação deve vir aliada com a idéia de proatividade", detalhou Barbieri.
A inovação também tem que ser social e ambientalmente responsável. Por exemplo, a automação industrial gerou uma massa de desempregados que não conseguiram ser reabsorvidos em outras atividades. Como lidar com isso? No passado, a Europa promoveu a imigração dos desempregados, mas hoje a nossa realidade não permite tanta reabsorção.

"Ao falar de inovação temos que citar os impactos negativos na sociedade. O CFC veio para substituir o gás de amônia e isso foi considerado uma grande solução, já que se tratava de um gás inerte. Mais tarde, percebeu-se o quanto ele prejudicava a camada de ozônio. Os inseticidas combatem as pragas nas plantações, mas depois viu-se quantos problemas causam", disse Barbieri. Da mesma forma que a exploração da

borracha para atender a demanda de pneus, que afetou profundamente a população amazônica que foi bastante explorada, gerando pobreza e concentração de renda.

“Não há nenhuma inovação que não gere impacto ao longo da cadeia de suprimentos, não podemos imaginar uma inovação que não venha acompanhada de pontos positivos e pontos negativos”, complementou.

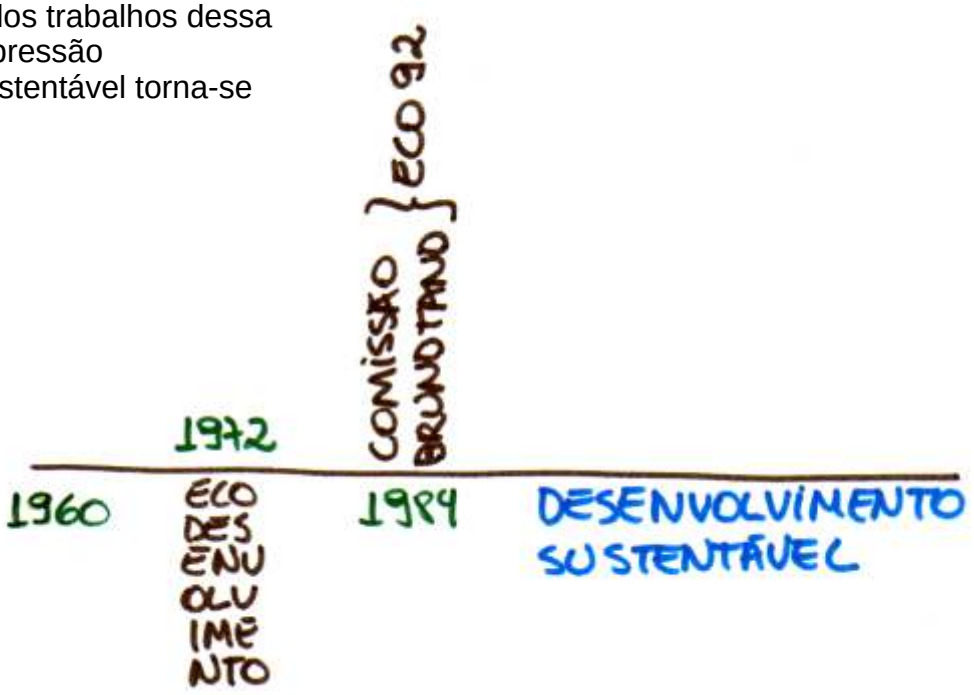
Linha do tempo do discurso sustentável

Sustentabilidade tem definições maravilhosas, mas como transformar em realidade a idéia de desenvolvimento sustentável é o grande desafio.

“A discussão em torno da preocupação socioambiental volta com mais força ao final da década de 1960. Em 1972, começou-se a usar o termo ecodesenvolvimento, um conceito que incorporava a contestação à sociedade de consumo, ao capitalismo e às multinacionais. Em 1984, a Assembleia Geral da ONU cria a Comissão Mundial para o Desenvolvimento e Meio Ambiente, também conhecida por Comissão Brundtand, para preparar a ECO 92. É a partir dos trabalhos dessa Comissão que a expressão desenvolvimento sustentável torna-se conhecida.

A ONU teve o bom senso de não afrontar nem o estado nacional e nem as empresas. Com isso, a proposta de desenvolvimento sustentável pode transitar tanto no ambiente de governo quanto de empresas. Ao admitir o crescimento econômico como um objetivo desse novo modo de entender o desenvolvimento, obteve-se a adesão de governos e empresas. Essa foi a chave para a entrada desses atores no movimento do desenvolvimento sustentável, que o conceito de ecodesenvolvimento rechaçava ou via com muita restrição”, traçou historicamente Barbieri.

A ideia de ecodesenvolvimento vinha aliada à política de esquerda, ao movimento anticapitalismo. “Não há nenhuma empresa que sente que chegou num tamanho suficiente. É da natureza das empresas o crescimento. Agora a ideia é crescer incorporando o quesito sustentabilidade. As 500 maiores empresas da lista Forbes dizem ser sustentáveis. Será que são mesmo? Ninguém hoje deixa de considerar a sustentabilidade, nem que seja só no discurso”, ilustra Barbieri.



Inovar preocupando-se com a sustentabilidade

O desenvolvimento sustentável nasce de duas crises, uma ambiental e outra social, ambas gravíssimas, afinal temos uma população de mais 7 bilhões e mais de 2 bilhões que vivem na pobreza, tendo algo em torno de 2 dólares por dia para sobreviver. “Para promover a inclusão dessa população, é necessário prover moradia, vestuário, alimentação, medicamentos, tratamento dentário, materiais de higiene, entre outras coisas. Por outro lado, a natureza já mostra sinais preocupantes de que seus limites já foram ou estão prestes a serem ultrapassados. Qual a solução? Inovação! Organizar melhor os recursos, criar novas possibilidades, convencer a sociedade a adotar formas mais adequadas de consumo”, revela o professor.



Reciclagem como armadilha consumista

Muitos acham que a preocupação ambiental restringe-se a reciclagem. Na opinião do professor, reciclagem, apesar de muito importante, esconde uma grande armadilha: “há por trás uma mensagem não dita de forma explícita, mas que chega de forma subliminar que diz que podemos consumir à vontade, sem culpa, porque estamos reciclando. Isso é um auto engano.



O desenvolvimento sustentável requer uma nova postura em relação ao consumo. Para isso é necessário reverter a dissociação da sustentabilidade econômica com a sustentabilidade ambiental. Essas duas dimensões da sustentabilidade precisam ser consideradas simultaneamente”, defende Barbieri.

Ecoinovação - é preciso atentar-se aos critérios

O professor contou um caso de inovação de produto que utiliza fibra natural combinada com fibra de PET reciclado. A fibra natural é encontrada na Região Amazônica e cultivada por comunidades ribeirinhas para uso próprio, portanto, em escala doméstica. A empresa inovadora tomou cuidado para que o aumento da demanda dessa fibra não produzisse impactos sociais e ambientais negativos nessas comunidades. Essa inovação só seria positiva caso a extração da fibra promovesse o desenvolvimento da comunidade.



"Fica a lição: para inovar é preciso observar o todo e adotar vários critérios, muitas organizações que se dizem sustentáveis, ao serem observadas de perto, não o são", disse Barbieri.



Biodiversidade e Inovação - visão da UFMS

O Pantanal é a maior extensão alagável contínua do planeta. Isso quer dizer que ele vai muito além da planície. O desafio é estabelecer sinergia entre governo, iniciativa privada, academia, terceiro setor para manter e sustentar a biodiversidade do pantanal.

"O grande desafio é diminuir impacto sobre a natureza. Em algumas comunidades tradicionais que vivem há 500 anos em harmonia, como é possível utilizar recursos naturais em benefício do cidadão sem causar impacto? Perceber que a conservação da biodiversidade é fundamental para o sucesso de qualquer inovação já é um bom começo".

Com essa afirmação a professora Edna Scremin Dias, Diretora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UFMS, iniciou um painel sobre Biodiversidade e Inovação.